

Conto

# Maiara

Bosque da Sabedoria



*Maiara*



Bosque da  
Sabedoria

Yuri Costa Valle

# Maiara

Quando eu morrer, meus segredos mais sombrios e feitos mais desprezíveis serão revelados para todos. Por hora, vou contar apenas como a torpe trajetória dessa pobre alma condenada teve seu início.

Fui educado em uma família afetuosa e bem estruturada, um pouco tradicional e de bom padrão cultural. Fui órfão de pai cedo, criado por minha mãe com a ajuda dos meus avós maternos que sempre me deram alguns puxões de orelhas quando precisava e empurrões para dentro do mundo da alta cultura presenteando com bons livros e me apresentando alguns bons professores de disciplinas como música, idiomas, etc. Meu avô é um músico erudito aposentado que tocava em orquestras sinfônicas importantes. Minha mãe é uma bela e inteligentíssima professora acadêmica de física, sempre foi muito atenciosa e carinhosa comigo. Quando era criança, sempre fazia o café da manhã antes de sair e me acordava bem cedo para a ver indo trabalhar; depois das aulas ou dos trabalhos de pesquisa que desenvolvia na universidade costumava passar algum tempo conversando comigo ou jogando algum jogo através do qual estimulava meu desenvolvimento intelectual.

Meu pai era um excelente executivo administrativo que já ocupou diversos cargos importantes de grandes empresas do país, era muito requisitado, por isso não tinha tanto tempo para ficar comigo. Infelizmente, ele morreu em um acidente sinistro de trânsito envolvendo uma colisão com caminhão que atravessou o sinal em um cruzamento. Parece que este foi um fato decisivo em meu destino, aconteceu quando eu ainda tinha por volta de 6 à 7 anos de idade. Estávamos os três presentes.

Sobre as circunstâncias do acontecimento não consigo recordar muito bem, pois minha memória não reteve muita coisa desse evento traumatizante. Soube depois que o carro rodopiou e capotou algumas vezes, mas como estava com o sinto de segurança no banco de trás, não sofri contusões sérias. Minha mãe ficou em coma por alguns meses, e teve alguns ossos fraturados, enquanto fiquei sobre os cuidados de meus avós maternos. Alguns dos anos seguintes da minha vida estão perdidos, não consigo recordá-los sem sentir uma profunda tristeza, mas ainda guardo algumas lembranças felizes de algumas vivências que tivemos juntos: da gente brincando no balanço improvisado no galho do Ipê que havia no terreno da casa que morávamos e minha mãe reclamando de como aquele balanço era “teoricamente desaconselhável por causa do atrito e das condições da corda”, ou de quando íamos à praia com nosso cachorrinho vira-lata para jogar bola e fazê-lo correr de um lado ao outro gastando suas energias para não destruir as coisas em casa...

Retomar a vida normal foi uma tarefa difícil, consegui isso por volta dos 10 anos quando fiz amizade com Fabinho, um garoto divertido que conheci em uma dessas ocasiões sociais que fui acompanhando minha mãe. Reencontrei o prazer e o colorido da vida com a sua amizade. Ele estudou comigo até concluirmos o ensino médio e tivemos muitos desses momentos bons de amizade juntos. Nesse período da minha vida, eu costumava ser um garoto ingênuo, um pouco tímido, porém bem inteligente; conseguia reconhecer, com uma certa modéstia, que meu intelecto era acima da média com relação aos garotos da minha idade, pois costumava passar boa parte do meu tempo estudando literatura e já fazia algumas incursões superficiais em filosofia – não por obrigação escolar, mas por interesse próprio – enquanto eles se interessavam por festas, mulheres, bebidas e futebol. Conseguia, com ajuda de astúcia, encontrar uma maneira de lidar com os problemas típicos de alguém com uma personalidade como a minha naquele meio. Minha relação com os colegas era relativamente saudável, não me envolvia muito com as indecências, extravagâncias e perversidades juvenis e me desviava das zombarias utilizando como recurso um senso de humor abnegado: estratégia que tornava o convívio suportável e despertava um pouco de simpatia em alguns poucos colegas. Ao menos era isso que eu pensava sobre o que eles tinham em mente a meu respeito...

O fato determinante para a minha barrancada moral foi esta nova

garota misteriosa que surgiu na escola, uma novata que entrou no segundo ano do ensino médio na turma que eu estudava: pele bastante branca, olhos castanhos escuros, longos cabelos lisos e negros, boa estatura, rosto afinado e corpo esbelto, nada muito ressaltado, porém indubitavelmente atraente para os padrões atuais. Tinha uma personalidade imponente e independente, algo já bem perceptível em sua maneira de caminhar, mas havia algo mais sombrio e oculto nela que despertava meu interesse profundamente. De qualquer modo, ela sabia como impor uma certa atmosfera de respeitabilidade ao seu redor que me causava certa admiração. Para mim as meninas da sala de aula eram como flores de um jardim, algumas até me atraíam, mas gostava apenas de ficar observando cada uma delas, comparando uma com as outras, apenas imaginando como seria tê-las um dia como namorada. Dificilmente tomaria qualquer iniciativa. Alguns garotos me consideravam estranho por causa desse meu jeito retraído e tímido: não frequentava as festas, não gostava de ir aos passeios de escola, nem de esportes... Tratava as garotas como colegas de sala ou até mesmo como amigas e não ficava fazendo comentários sexistas a respeito delas como eles faziam. Talvez isso tenha sido produto da minha criação quase exclusiva pela minha mãe.

Teve uma vez que senti uma vontade fora do comum, instigada por um ódio peçonhento, de revidar as provocações de Rafael, um garoto que costumava implicar comigo apenas para ser o centro das atenções. Sobre a luz deste sentimento gélido ele se mostrou um ser repulsivo como um rato de esgoto asqueroso. Suas gracinhas eram tão chatas e inconvenientes que foi fácil tomar coragem para enfrentá-lo. Esse Rafael era o típico modelo da sociedade predominantemente fútil dos tempos de hoje em que os pais davam dinheiro e presentes no lugar de atenção. Ele exibia todas as suas mais recentes novidades que recebia e costumava dar festas com álcool na sua casa quando os pais viajam. – De que outra maneira explicar essa sua necessidade descomedida por destaque social do qual eu era seu alvo predileto senão receber atenção que faltava em sua vida?! – Fábio não aprovou minhas intenções quando falei dos meus planos para fazê-lo ser suspenso ou até mesmo expulso da escola, disse que ficou surpreso comigo, conseguiu me dissuadir a não fazer nada contra ele e, em vez disso, procurar a diretoria. Como ele prometeu ficar do meu lado, foi o que acabei fazendo na ocasião.

Voltando ao assunto, alguns garotos da sala ficaram logo

interessados na novata – Maiara era o nome dela, descobri isso pela lista de chamada – e logo que os mais atrevidos demonstravam suas pretensões, eram rechaçados pelo seu típico menosprezo distante de alguém que está lidando com macacos que não fazem jus aos seus dotes racionais. Isto fez surgir em mim uma certa crença de que éramos feitos um para o outro, e passei a observá-la com mais interesse do que as outras garotas, mas, mesmo assim, sem coragem para agir. Pude perceber que havia algo em seu universo pessoal que era diferente de todas as outras. Minha falta de experiência não era algo recriminável, pois até mesmo a experiência comum e ordinária da vida não permitiria decifrá-la de antemão, e era justamente isso que exponenciava ainda mais a atração misteriosa que sentia por ela. Afinal, a atração não deve conter algo de desconhecido?! Pois é da própria natureza intrínseca da atratividade, enquanto efeito sobre nossos sentimentos, que seus motivos permaneçam escondidos para a nossa consciência, caso contrário o encanto se desfaz como uma passe de mágica mal sucedido. Mas no caso dela ainda havia o acréscimo de uma força desconhecida e misteriosa que exercia sobre mim algum tipo de afinidade.

As aulas foram acontecendo, ela foi se agrupando com as garotas mais estudiosas da turma. Eu ficava a maior parte do tempo acompanhado do meu amigo Fábio e de um outro garoto com qual ele vinha fazendo amizade, chamado Jairo, devido ao clube de xadrez, que passei a frequentar por causa deles. O primeiro encontro mais prolongado que fiz com Maiara ocorreu devido a um passeio, organizado por Fábio, que realizamos com o grupo de meninas com quem ela andava. - Enquanto eu crescia adquirindo hábitos introspectivos de leitura e observação do mundo, Fábio foi se tornando um garoto de amabilidade e sociabilidade admiráveis. Era um amigo bastante prestativo, que devido ao fato de gostar de compartilhar as coisas comigo, me ajudava a superar certas dificuldades de socialização que eu apresentava. Ele também tinha uma beleza ímpar que chamava muito a atenção das garotas. Eu acho que havia falado para ele do meu interesse por essa menina...

Um encontro ocorreu em uma feira de amostra científica que estava ocorrendo na cidade durante a noite. Foi uma ocasião muito singular e bonita, cuja lembrança nunca deixarei se apagar na memória. Aconteceu ao largo da lagoa Rodrigo de Freitas, o ambiente estava todo iluminado e havia atrativos de toda espécie, desde algodão-doce, carros de

churros, até vendedores de balões e brinquedos para crianças. Os meninos interagiam melhor com as garotas do que eu, mas a situação mudou durante a visita aos estândares de ciência. Eu era o mais calado do grupo, fazia apenas alguns apontamentos ou comentários sobre alguma coisa ou outra que observava e achava interessante e que mereciam ser apreciados. Por acaso, avistei uma barraca onde era realizado um experimento de física que minha mãe costumava fazer para mim quando era mais novo, trazia pequenos experimentos de hidráulica com diversos exemplos simples e didáticos e um mais complexo de como os fluídos ajudavam a realizar trabalho. Fui tomado por uma animação tão intensa que minhas inibições quase desapareceram por completo. Tomei a frente de todo mundo e, absorto, comecei a dar pequenas explicações sobre os experimentos. Foi impressionante como consegui ter a visão da totalidade do projeto que estava sendo exibido. Quando terminei, estavam todos surpresos e admirados comigo, Camila, uma das garotas que estavam com a gente, comentou:

- Que bonito, Danilo! Como você aprendeu tudo isso?!

- Com minha mãe. Ela é professora de física. Ela já fez algumas dessas experiências pra me divertir...

Neste mesmo momento em que me dei conta da situação que havia me colocado, minha timidez caiu sobre mim como uma lona, abaixo da qual queria me esconder do olhar de todos, então me dirigi para o lado de Fábio sem dar atenção para mais ninguém. O passeio prosseguiu. Já havíamos observado, desde o início, uma roda gigante montada próximo ao local, que depois de visitarmos a maioria dos estândares, havíamos combinado de visitar.

Ao chegarmos no local, surpreendentemente Maiara veio até mim e me convidou para subir com ela. Aceitei imediatamente: - “Claro!”. Foi ela que quebrou o silêncio e iniciou a conversação. Respondia suas perguntas de modo curto sem muita ousadia para não gaguejar ou me enrolar com as respostas, mas as primeiras palavras que dirigi a ela quase não se projetaram para fora da minhas cordas vocálicas:

- Você só deve tirar notas boas, né? (Falou ela, de um jeito meigo e bem-humorado, ao mesmo tempo desafiador.)

- É... sim.

Assim que respondi, desviei o olhar timidamente para as luzes abaixo. Um silêncio posou entre nós por um instante e logo alçou voo novamente quando falei:

- As luzes estão muito bonitas, não acha?

- É verdade. Estão sim!

Nesse momento, eu pude ver como estava feliz e animada, refletindo do mesmo modo a noite iluminada. A doçura da sua resposta foi encantadora. A primeira e breve conversa que tivemos foi se desenvolvendo deste modo: sobre hobbies, livros e filmes favoritos... Até que a roda gigante parou e nos juntamos ao resto do grupo. E, então, as coisas voltaram a seguir como antes, logo nos despedimos e voltamos cada um para sua casa.

Desde este acontecimento as aulas ficaram muito mais animadas. Consegui encontrar um sentimento de pertencimento a um grupo que rompeu a capa de isolamento que vinha me limitando por quase toda minha vida. Sempre que havia trabalhos de grupo fazia com eles (a outra garota com quem fiz amizade se chamava Amanda) e nos intervalos sempre havia algo diferente com o que ficar entretido. Os momentos que passava com Maiara foram ficando mais frequentes, às vezes sentávamos ao lado um do outro, ou conversávamos durante os intervalos. Ao mesmo tempo percebi que começou a se formar uma espécie de abismo que me separava dos antigos importunadores, as perseguições param e uma indiferença começou a existir entre os dois lados. Realmente não me importava com a existência daqueles garotos...

A primeira vez que visitei Maiara em sua casa foi quando surgiu um trabalho escolar complicado que precisávamos terminar depois da aula. Ela me convidou pessoalmente para terminamos o trabalho na casa dela e aproveitarmos para passar o resto do dia juntos. Sempre gostei da maneira como ela me tratava: ela conseguia ser decidida e direta, sem nunca deixar de ser meiga comigo. Combinamos para ser em um sábado, tomaria café da manhã e iria para o endereço dela, que não levaria mais de uma hora de distância de carro da minha casa.

Ela mora em uma região alta ao pé de uma pequena formação



serrana um pouco distante dos centros urbanos comerciais, sua casa ocupava uma área grande em um bairro de casas bonitas e bem construídas. Chegando em frente ao seu portão, toquei a campainha do interfone, sua voz alegre logo respondeu que estava indo abrir. Foi meu primeiro encontro deste tipo com uma garota. Ainda lembro como ela estava vestida com uma blusa abotoada de cor vinho de algum tecido leve quase transparente junto com um short jeans marrom claro preso na cintura com um cinto de fivela simples, um conjunto um pouco destoante a um dia quente como aquele. Em minhas concepções prematuras sobre garotas e, principalmente sobre ela, eu a via através de um ideal pré-formado de mulheres como flores, suas cores e aromas variados...

Nos cumprimentamos com palavras simples e ela me solicitou educadamente para entrar. Sua casa é uma mansão de arquitetura retangular rodeada por um imenso jardim composto de flores e árvores frondosas formando um verdadeiro bosque de verde exuberante respingado de um colorido variado, em meio ao qual ela era uma parte que compunha a beleza daquele cenário inesquecível, corroborando minhas fantasias. Havia uma fonte na passagem central formada por uma viela de paralelepípedos que tivemos de atravessar para chegar à porta de entrada da casa de dois andares com diversas janelas no andar de acima e de baixo. Durante a travessia observei que havia um canil mais afastado à direita, colado ao muro que despertou em mim uma estranha e leve angustia: a extensão de bem cuidada grama parava bem nas proximidades da sua entrada. Antes que pudesse manter por mais tempo minha atenção fixa no canil enquanto caminhava atrás de Maiara, um jardineiro me distraiu dizendo: - “Bom dia”. Eu respondi do mesmo modo, e logo nos vimos diante da entrada da casa.

Ao entrar, o visitante se depara com uma antessala com escadas laterais para o segundo andar dos dois lados e, logo adiante, com um salão de entrada oval com corredores dos dois lados dando para os restantes dos cômodos do andar de baixo e há uma janela com cortinas ao fundo, na frente da qual a dona da casa, uma senhora de idade não muito avançada, nos aguardava. A medida que aproximávamos. ela, lançava um olhar penetrante, investigativo e sombrio sobre mim, aparentemente apenas para confirmar algo que ela já havia pressentido desde o primeiro momento que estabelecemos contato visual. A mulher, então, expressou um ar de confirmação e me cumprimentou, cumprimentei de volta e comecei a

sentir uma pequena familiaridade naquele ambiente. A alegria de Maiara, que estava ciente do sentido deste desenlace, era perceptível. No instante seguinte, voltei a atenção espontaneamente para ela, que sorriu para mim tomando toda minha atenção e disse, com seu tom imperativo: “Vamos!”, eu a segui e me senti como um hóspede que era aguardado ansiosamente. Ela me guiou até uma ampla sala de estudos: uma biblioteca com grandiosas estantes repletas de livro e uma mesa central onde alguns materiais já estavam sido depositados, e sugeriu concluirmos logo o trabalho sem muita conversa fiada.

Demoramos mais ou menos uma duas horas para concluirmos tudo, devido a companhia acabou sendo uma atividade bem mais recreativa do que escolar. Em seguida almoçamos juntos na mesa com a sua avó, uma senhora bastante nobre e misteriosamente requintada, e passamos o restante do dia fazendo coisas juntos: assistindo filmes, conversando sobre livros, jogando, etc. Foi uma ocasião muito boa para nos conhecermos um pouco melhor fora do contexto escolar. Maiara se mostrou ser uma pessoa realmente confiante e compreensiva, ela me inspirava segurança. Seus gestos e comportamento demonstravam sinal de uma educação rigorosa e exigente, dava para perceber como ela era uma jovem obediente e graciosa.

Mas naquela casa uma certa atmosfera sutil e diferente era facilmente notável. Nos empregados, há uma espécie de defeito de procedimento habitual: eles parecem se mover e realizar suas tarefas por uma vontade alienada como se estivessem sendo arrastados meio sem vivacidade. Sentia um certo medo, mas estava moralmente indolente a tal ponto de poder aceitar qualquer coisa que houvesse de errado naquele lugar como um simples detalhe de fácil desconsideração. Obviamente, estava me enganando voluntariamente, admito que não nego minha responsabilidade. Além do mais, sentia uma pequena propensão para aquela diferente realidade: para atravessar a fronteira que separava o mundo normal, onde todos pareciam levar uma vida em uma sociedade sem graça e monótona, deste mundo novo em que ela me introduzia e que havia começado a me preencher de um modo que jamais qualquer outro lugar faria.

O tempo que passamos juntos correu rapidamente. Quando começou a anoitecer, os cachorros começaram a ficar agitados e a latir. Então, ela, imediatamente, interrompeu nossa conversa dizendo com uma

certa rispidez na voz: - “É melhor você ir”. Um certo teor sinistro ecoou em sua fala. Eu assenti com o olhar. A esta altura não estava muito surpreso com esses acontecimentos estranhos, mas talvez tenha deixado transparecer um pouco de medo, pois estava pressentindo que algo ruim estava prestes a acontecer se permanecesse a noite ali. Um miasma pesado começava a preencher o ambiente. O ar ficou mais denso e difícil de respirar. Ao perceber que não apresentaria resistência à sua ordem, ela disse com um pouco mais de suavidade, porém ainda com uma certa imperatividade:

– “Eu acompanho você.”

Levantei-me em silêncio. Embora estivesse seguro que nada me aconteceria, dava para perceber a tensão que pairava no ar. Nos movemos instantaneamente em direção ao portão...

Quando estávamos passando pela viela de entrada, não pude acreditar naquilo que estava vendo: naquele canil, misturado entre os cachorros, havia um ser que, à primeira vista, parecia estar em volto de uma certa névoa de confusão mental. Fiquei em choque, o tempo parecia paralisado enquanto continuava andando mecanicamente com o olhar fixado. Não poderia jamais esquecer ou ignorar aquela visão, aquela sensação de que a coisa que via não era um produto da natureza, que era algo que perturbava a ordem cósmica. A despeito da vontade de negar aquela experiência horripilante que havia surgido em meu espírito, meu senso de realidade aguçado não permitiria jamais excluir aquele fato das minhas memórias. Eu realmente temi pela minha sanidade mental naquele momento... Mas ainda estava enebriado de admiração apaixonada.

Foi quando sua mão entrelaçou na minha e assim consegui resistir ao terror sobrenatural provocado por aquela criatura difícil de entender. Com o tempo, a sua forma começou a fazer sentido em minha mente, mantendo minha concentração diante da contemplação daquela abominação pude estabelecer um difícil contato compreensivo e perceber a melancolia e o desalento em seus olhos baixos que continham lamurias profundas pelo fato da sua própria existência. Aquele ser era uma pobre e sofrida quimera: um ser amaldiçoado com a desenvoltura corporal e presas de uma onça, com a linha dorsal de um crocodilo acompanhada de sua cauda escamosa, incompatíveis com a submissão e a passividade de um

cão que continha. Tudo isto conjugado em uma mesma substância individual.

No mesmo instante em que comecei a sentir dó daquele pobre ser, aquele ódio já reconhecido anteriormente começou a tomar conta de mim fazendo com que deixasse de me comover com sua triste sina. Foi quando senti um calafrio subindo pelas minhas pernas, meu ser sendo assaltado por trevas hediondas e antinaturais que emergiam de profundezas insondáveis – para onde, confesso, não tive muita coragem de dirigir o pensamento. As suas palavras de despedida naquele dia foram: “Não se preocupe meu querido, vai ficar tudo bem.” Ela, então, realizou um gesto de ternura que selou nossos destinos.

Passei a pertencer a este submundo atraído pela irresistível força deste amor, um mundo do qual talvez estivesse destinado a fazer parte desde longa data sem disto ter me dado conta. Entreguei-me de bom grado aos desígnios imbricados e irônico do destino que residem além das nossas forças. Foi assim que comecei a fazer parte do lado oculto da realidade ao lado de minha antiga amada.

